

# Um olhar para o crochê: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo<sup>5</sup>

**ANA CLARA CALDEIRA  
REGILENE APARECIDA SARZI RIBEIRO**

DOI 10.52050/9788579176395.c6

---

<sup>5</sup> Conteúdo parcial de pesquisa apresentada como trabalho de conclusão de curso para obtenção de graduação em Artes Visuais – licenciatura, na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicações e Design, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em 2023, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro.



## Introdução

A arte têxtil, principalmente o crochê, está intrinsecamente inserido nas esferas do lar e do dia a dia, sendo muitas vezes tido como uma herança cultural e familiar, visto que essa arte, especificamente, é muito difundida nas relações mãe-filho. O termo mãe-filho, aqui cunhado, não necessariamente representa uma mãe ensinando para seu filho/prole, mas sim essa relação de uma mulher que, agindo como uma mãe, ensina para seus iguais em uma relação de troca de conhecimento, cultura e arte. Logo, também é comum que essa arte seja passada entre avós-netos e entre tias-sobrinhos também.

Mesmo a passagem de conhecimento sobre o crochê sendo comumente informal por se tratar de uma arte ligada à família e ao afeto, algumas escolas com pedagogias que focam no desenvolvimento manual, como a Waldorf, ensinam a arte do crochê e tricô, onde são inseridas formalmente em seu currículo educacional logo nos primeiros anos escolares das crianças, além de vários outros trabalhos voltados para o melhoramento hábil das mãos, também havendo escolas públicas que optam pelo ensino do crochê nas pausas entre aulas de forma não-formal curricularmente. Por se tratar de uma arte manual, o crochê tem notório potencial de estímulo sensorial nas crianças, ajudando no desenvolvimento dos sentidos e da imaginação.

Essa arte também é amplamente difundida na educação informal, como oficinas no SESC – Serviço Social do Comércio, que também será abordado nesse artigo. Embora a arte do crochê esteja sendo amplamente

difundida em toda nossa sociedade, não só brasileira, mas também global, pouco se fala do crochê como possibilidade educativa. A presente pesquisa traz a problemática da pouca aplicação dessa arte em ambientes educativos, tanto formais quanto não formais, dando atenção para algumas histórias que conseguiram resgatar o crochê no ambiente educativo.

A motivação para a presente pesquisa tem cunho pessoal, visto que boa parte das mulheres de minha família são ligadas à essa arte e aprenderam sempre com uma figura materna, não necessariamente sendo a mesma matriarca da família. Nota-se que cada artesã na família tem seu próprio estilo artístico, onde uma apresenta um ponto mais fechado, outra mais aberto, outra prefere fazer intercalando ambos os tipos, enfim, cada uma trazendo uma marca pessoal e criatividade ao fazer artístico do crochê.

Desta feita a pesquisa voltada para o crochê na arte-educação formal visa compreender melhor como essa arte tão popular é ensinada formalmente no contexto escolar, e como o ensinamento dessa arte estimula o desenvolvimento sensorial, motor e criativo da criança e do adolescente. No contexto da arte-educação informal, é abordado como essa arte tem forte potencial terapêutico e contribui para a manutenção das habilidades psicomotoras.

Antes de apresentarmos parte dos resultados da pesquisa realizada intitulada “Um olhar para o crochê: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo”, cabe mencionar que este material é resultado de um TCC - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como um dos requisitos para formação em Artes Visuais – Licenciatura, junto ao curso de Artes Visuais da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da UNESP, Bauru.

## **Crochê - Linguagem e Arte**

Nesta pesquisa foi tratado das relações entre a arte com fios e como ela têm potencial de mudar um ambiente não só na esfera do lar e da família, mas também na intervenção urbana.

Foi investigado o trabalho de alguns artistas que realizam intervenções tendo como matéria principal as artes têxteis com crochê. Uma das artistas referenciadas na sessão da intervenção urbana é a texana Magda Sayeg, criadora do movimento “Yarn Bombing”. A artista intervém nas ruas de Houston, TX, e conta que uma das primeiras intervenções feitas foi em uma maçaneta de uma loja, onde Magda a chamou de “Alpha Piece”, Magda conta que todos paravam para fotografar a intervenção.

O nascimento do Yarn Bombing se deu pela necessidade de Magda de sentir calor e afeto humano vindo de ambientes sem vida, como uma maçaneta (primeiro objeto que recebeu intervenção artística com os fios de Sayeg). Isso mostra o quanto o crochê é ligado ao afeto, visto que é um dos pilares do nascimento do Yarn Bombing.

**Figura 1** - Magda Sayeg, Alpha Piece, crochê sobre maçaneta, 2005.



Fonte: <https://dsvc.org/event/magda-sayeg>.

No Brasil, Ernesto Neto, um artista conhecido por sua poética contemporânea, cria uma relação entre o corpo humano e a arte com fio. Na

arte “Dengo”, o artista cria uma espécie de “úvula” com fios, onde a mesma é preenchida com especiarias, criando diferentes formas de estímulos. Wilson (2010), nos diz:

Essas obras de arte causam uma resposta física e envolve os sentidos da visão, tato e olfato à medida que o participante caminha através destas instalações do tamanho de uma sala. [...] O visualizador (re)descobre seu próprio corpo enquanto experimenta o ambiente da instalação. (WILSON, 2010, p.1)

**Figura 2 - Ernesto Neto, Dengo no MAM - Museu de Arte Moderna, 2010.**



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/360o/5164976474>.

## **Crochê no ambiente familiar**

Segundo Oliveira e Mourão (2021), o crochê é tido como uma forma muito familiar de arte, onde o objeto/material traz consigo o apego e o afeto, onde de fato acontece: Quantas famílias não passaram essa arte de gerações em gerações? O fortalecimento e a manutenção dos vínculos familiares é outro ponto significativo, pois grande maioria de artistas crocheteiros aprenderam a arte em uma relação de ensino mãe-filho, seja em uma família de sangue ou em uma família onde o artista se encontra inserido. Dentro de uma

família ou comunidade, o crochê tem a capacidade de mostrar a cultura de um povo, seus traços únicos, suas religiões e suas tradições.

No livro “Memória do Crochê: Cultura Afetiva em Objetos Biográficos”, escrito por Nadja Mourão e Ana Célia Oliveira (2021), as autoras se focam na memória que o crochê carrega, sendo amplamente ligado ao coletivo, onde essas artes “[...] preservam, em sua história, os diversos saberes e fazeres das gerações anteriores, sendo importante lembrar os objetos nos contextos em que estão inseridos.” (Mourão & Oliveira, 2021)

O crochê é intrínseco em muitas expressões culturais, históricas e familiares, podendo haver variações de traços, cores, tipos de linha, tipos de agulha, agregando para a história de um povo, trazendo sua singularidade dentro da pluralidade de culturas. Cada peça sempre será única, e, segundo Borges (2011) o crochê tem a dádiva da beleza da imperfeição, ou uma “boniteza torta”, resgatando a importância da arte feita à mão e resgatando, também, a importância dos saberes ancestrais e das culturas locais. Borges (2011) ainda afirma que os trabalhos em crochê “[...] transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – nosso coração, a nossa alma.” (BORGES, 2011, p. 204).

Um grande exemplo de arte em crochê que sentimos um forte vínculo afetivo é o *granny square*, ou quadradinhos de vovó, que fizeram parte da infância e vida de muitas pessoas, não só no Brasil, mas havendo relatos da presença dessa arte por todo o mundo. Também sendo comumente ensinado pelas avós e mães, o *granny square* marca presença tanto estética quanto afetiva no nosso cotidiano.

A primeira aparição dessa forma de arte foi na revista estadunidense “Prairie Farmer”. Mrs. Phelps publicou na revista que estava tentando fazer uma nova forma de crochê e ensinou o que sabia até então:

Estou experimentando um novo padrão de crochê para um afegão [tradução de Afghan, nome dado às colchas feitas com junções de *granny squares*], que se baseia no princípio do trabalho maluco [tradução de *Crazy Work*] tão popular atualmente. Ele é feito em tiras do comprimento desejado e com dois dos blocos que eu

trouxe formando a largura (fig. 2). As tiras são crochetasdas juntas com um ponto de corrente duplo que é torcido e de quaisquer duas cores desejáveis. Os blocos pequenos podem ser costurados ou puxados juntos, de modo a formar um quadrado perfeito, essa junção é feita do avesso. A ideia é fazer com que os blocos pareçam uma tira reta. Use lã Germantown, as cores do bloco podem ser vivas e variadas a gosto do freguês, mas a borda externa de cada um é preta. (MR. S PHELPS, *Prairie Farmer Magazine*, 1885)

Os termos citados por Mrs. Phelps, como “trabalho maluco” e “crochê para afegão” eram referentes aos termos em inglês “*Crazy Work*” e “*Afghan*”, que estavam em alta em 1880 nos Estados Unidos. “*Crazy Work*” foi o nome escolhido pois as colchas crochetasdas na época eram feitas com cores vibrantes e que não necessariamente havia concordância estética entre elas. Era basicamente uma experimentação em forma de colchas. “*Afghan*” eram os nomes dados às colchas feitas de vários quadradinhos de crochê, no estilo *granny square*, juntos, como o nome bem diz, essas colchas tiveram sua origem no Afeganistão.

**Figura 3** - Recorte da postagem da Mrs. Phelps na revista *Prairie Farmer Magazine*, em abril de 1885.

I have been trying a new crocheted pattern for an Afghan, which is on the principle of the crazy work so popular now.

It is made in strips of the desired length, and with two of the blocks, which I have brought, forming the width (fig. 2). The long strips are crocheted together with a double chain stitch which is twisted, and of any two desirable colors. The small blocks can be sewn or drawn together, so as to make a perfect square, this joining being done on the wrong side.

The idea is to have the blocks appear as one straight strip. Use Germantown wool, the colors of the block being bright and varied to one's taste, but the outer edge of each is black.

~Mrs. Phelps, *Prairie Farmer Magazine*, April 1885



FIG. 2—PATTERN FOR CRAZY AFGHAN.

Fonte: The Yarn Queen.

A fim de buscar compreender melhor sobre como o crochê atua dentro de uma família, transpassa gerações e aproxima pessoas e culturas, Fabiana Cristina Mengue, mãe da pesquisadora da presente pesquisa e também

crocheteira, aceitou responder algumas perguntas voltadas para a arte do crochê. A entrevista foi realizada no dia 30/04/2023, de forma remota.

- A.** Fabiana, como sua história com o crochê se iniciou? Com quem aprendeu?
- F.** Em uma época de férias, eu, quando tinha 28 anos de idade, tinha uma vizinha muito querida, era uma verdadeira mãezona. Era cadeirante, não tinha muito o que fazer pra passar o tempo, então ela crocheta o dia todo, eram cada crochês lindos... Eu fui me encantando e ela me disse que me ensinava, comprei umas linhas e agulhas e fui aprender. Hoje com meus 43 anos ainda crocheto com muita alegria, graças aos ensinamentos da Vó Amélia.
- A.** Você entende o crochê como uma arte? Qual a importância do crochê na sua vida e seu cotidiano?
- F.** O Crochê é uma verdadeira arte, existem trabalhos lindíssimos feitos com crochê, inspira pessoas a ir além do que se pode imaginar, no meu cotidiano, além de terapêutico, também é importante como fonte de renda.
- A.** Você acredita que o crochê tem importância cultural? Tem a capacidade de conectar culturas e perpetuar antigos costumes?
- F.** O crochê tem uma grande importância cultural, quando aprendi a crocheter, aprendi a fazer com a Vó Amélia por amostras de crochê feitas na Itália. Ela veio “mocinha” da Província de Vicenza, na Itália. Tinha 89 anos e ainda passava os ensinamentos que aprendeu em sua juventude!
- A.** Acredita que o crochê tem o poder de aproximar as pessoas?
- F.** Sempre, adoro trocar amostras minhas entre mim e minhas irmãs, até mesmo com as amigas, sempre é bom ter um modelo novo de biquinho [se referindo aos bicos de crochê feito em panos de cozinha], uma toalha diferente.

Algumas fotos foram tiradas do trabalho de Fabiana, sua mãe Ivone e sua irmã Célia, a fim de comparação entre cada arte/amostra. As artes em crochê da artista, além de possuírem um ponto mais fechado e delicado, são feitas em linha de crochê fina e colorida, podendo ter também degradê nas cores da linha.

As obras de sua mãe, Ivone, são majoritariamente feitas com lã grossa/espessa e colorida. A técnica do *granny square* é muito presente em seu acervo

e como Ivone costumava produzir muito, algumas obras não chegaram a ser finalizadas, pois ela já se encontrava crochecendo outras.

Irmã de Fabiana, Célia, costuma trabalhar com barbante como base para seus crochês, onde as obras apresentam a cor branca como foco. Os crochês de Célia também apresentam pontos mais largos, pois o barbante escolhido possui maior espessura, se assemelhando às artes de sua mãe Ivone.

**Figura 4 - Fabiana Cristina Mengue, pano de prato pintado e crochettato**



Foto tirada pela autora.

**Figura 5 - Célia Regina Mengue Santos, caminho de mesa em crochê.**



Foto tirada pela autora.

**Figura 6** - Ivone Andreoli Mengue, tapete colorido no estilo *granny square* (usando sobra de linhas).



Foto tirada pela autora.

## **Crochê no ambiente escolar**

De acordo com reportagem do Balanço Geral Itajaí (2017), na cidade de Itajaí, no bairro São Vicente, no estado de Santa Catarina, uma escola municipal usa o intervalo entre as aulas para criar um momento de recreação para os alunos. Nessa iniciativa instituída desde 2012, os estudantes aprendem a fazer crochê e tricô, além de também aprenderem a costurar com máquinas para costura, estando presente nas aulas tanto o público masculino quanto feminino.

Todo o material utilizado é doado pela comunidade, inclusive também contam com a ajuda dos pais dos estudantes. A escola possui 148 alunos e a maioria são meninos. No início, houve várias resistências por parte dos garotos, afinal, essa arte sempre foi muito ligada à esfera feminina, porém, após o aprimoramento das habilidades com a arte, os meninos mostraram se divertir muito com os trabalhos manuais, dando preferência em criar bolas e tapete, e as garotas, cachecóis e bolsas.

A diretora da escola, Adriana dos Santos, afirma que essa atividade ajuda a quebrar alguns conceitos pré-estabelecidos na sociedade vigente atual. A diretora complementa: “Há tanto preconceito, há tanta discriminação. E a gente quer tornar o ser humano cada vez mais amoroso, mais sensível. A gente acredita que com essas atividades a gente estimule isso” (Balanço Geral Itajaí, 2017).

A professora Fátima ministrava aulas de Língua Portuguesa e hoje seu foco é exclusivamente na arte-educação, ministrando aulas de crochê na escola para crianças de 6 anos até adolescentes de 14 anos. A professora diz que qualquer um pode aprender essa arte, e que o projeto conta com outros objetivos além do aprimoramento hábil. Fátima afirma que a arte do crochê vai muito além de montar suas próprias peças: “Trabalhando também a questão do consumismo, descarte de material, o cuidado com o uso dos produtos que a gente tem, o descarte que a gente vai fazer” (Balanço Geral Itajaí, 2017), explicando que o pensamento crítico também permeia os ensinamentos que o crochê trabalha.

O crochê é muito presente em algumas pedagogias específicas, dentre elas, a Pedagogia Waldorf, criada pelo filósofo alemão Rudolf Steiner, logo após a Primeira Guerra Mundial. Steiner propôs um ensino onde o aluno passasse por uma construção de um ser integral, para isso a pedagogia tem como um dos principais pilares a Arte e suas linguagens. A arte tem um papel muito importante na vida dos estudantes, onde “as atividades artísticas não devem processar-se à margem dos estudos; devem constituir, pelo contrário, o próprio coração do trabalho escolar”. (KÜGELGEN, 1984, p.63).

Para Lanz (2016, p.135), “[...] matérias artísticas e artesanais não constituem, na Pedagogia Waldorf, apenas um complemento estetizante; trata-se de disciplinas que recebem a mesma atenção que as demais e são consideradas de igual importância para a formação do jovem.”

Tendo isso em vista, nota-se a grande importância que a arte tem na vida dos estudantes, beneficiando inúmeras áreas não apenas da imaginação,

mas também das habilidades psicomotoras e da noção de consciência pessoal, física e mental.

O currículo que a Waldorf segue nas áreas de trabalhos manuais e artes aplicadas têm início bem cedo na vida dos educandos, começando já nos primeiros anos do aprendizado. No primeiro ano, estuda-se o tricô, e no segundo ano estuda-se o crochê. A diferenciação de atividades se dá pelo motivo do tricô usar as duas mãos, sendo uma arte mais fácil de aprender no início, e o crochê ser feito apenas com uma mão, necessitando de um certo avanço nas habilidades motoras.

## O Crochê na Arte-Educação

Antes de abordarmos o que é o crochê na arte educação, é necessário discorrer sobre o que são arte e educação propriamente ditas. Para Ana Mae Barbosa (2006), em seu livro *Arte-Educação no Brasil*, a arte é uma junção da criatividade e do desenvolvimento cognitivo, que ocasionam em ideias e atos. De acordo com a autora, a arte envolve então o fazer e o pensamento criativo. Nesse sentido, Duarte Junior (2007) diz que a arte sempre é a criação de uma forma, podendo ser ela estática ou dinâmica. Essas formas, que se apresentam na arte, constituem maneiras de exprimir os sentimentos. A arte tem o poder de dar expressão ao sentir, concretizando os sentimentos. Segundo Duarte (2007), a arte se revela no seguinte excerto:

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar frente a formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas desta rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põe a pescar, são os artistas. (DUARTE JUNIOR, 1994, p.48)

Atualmente, as escolas seguem uma linha de ensino voltada para o aprimoramento dos saberes sistematizados. Saviani (2016, p.58) afirma que “pela mediação da escola, dá-se a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita”, onde a escola usa de base as culturas populares para chegar, enfim, na obtenção dos saberes sistematizados, Saviani também diz:

Mas, se a escola se justifica em função da necessidade de assimilação do conhecimento elaborado, isto não significa que este seja mais importante ou hierarquicamente superior. Trata-se, na verdade, de um movimento dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, de forma alguma, são excluídas. Ao contrário, o saber espontâneo, baseado na experiência de vida, a cultura popular, portanto, é a base que torna possível a elaboração do saber e, em consequência, a cultura erudita (SAVIANI, 2016, p. 58)

De acordo com o referido pelo autor fica evidente que a construção do conhecimento deve partir do repertório e da bagagem cultural que o aprendiz já possui. Porém, na prática, vemos que as culturas populares, muitas vezes são tidas como menos importantes. Mostra-se nítido a notabilidade do crochê para o desenvolvimento hábil, cognitivo dos educandos, principalmente as crianças.

Mas muitas vezes, esse papel de desenvolvimento fica à cargo de atividades desinteressantes e que não prendem a atenção das crianças, sendo estas práticas perpetuadas através de várias décadas, como a pintura com lápis de cor em desenhos já impressos e entregues aos alunos.

Esse tipo de conduta pedagógica não instiga a criatividade nas crianças, sempre havendo, também, um cânone artístico de cores a se seguir, ou seja, os alunos já recebem os desenhos impressos, muitas vezes sem poder escolher qual o desenho prefere e as cores já são definidas, também não permitindo que a criança experimente diferentes possibilidades e possa se expressar artisticamente.

Sabemos que o crochê permite a escolha de diferentes materiais, como lã, barbante, linhas, linhas grossas, com glitter, com pompons, texturizadas e de diferentes cores, fibras naturais, retalhos de tecido, malhas e o que a imaginação quiser e puder crochetar. A criança tem a possibilidade de escolher qual linha mais tem afinidade e é capaz de produzir diferentes formas de arte, sendo uma arte extremamente lúdica que tem o poder de prender a atenção das crianças, além, claro, de conseguir cumprir com sua função de apoio pedagógico e melhorar as habilidades psicomotoras das crianças.

O ensinamento de artes que são culturalmente populares ajuda a criança a perceber qual a importância da cultura, sendo essa arte já presente no cotidiano da criança, fazendo também com que o aluno sinta importância da arte que ela e que outros membros de sua família fazem, compreendendo melhor sobre artes que são tão importantes e que muitas vezes acabam sendo esquecidas com o tempo.

Segundo Felix (2022), o atual enfoque de conhecimento nas escolas ignora uma parte importante para o aprendizado:

O conhecimento gerado nas escolas vem acompanhando e dando suporte ao sistema dominante das ciências modernas e à sua lógica do pensamento simplista e hiper especializado. O predomínio do ensino compartimentado, desconexo dos fenômenos da natureza e da vida contribui para formação de uma visão reduzida e acortinada das variadas dimensões da realidade da vida vivente, levando-nos a uma “cegueira branca” [referência ao livro de Saramago, “Ensaio sobre a Cegueira”, de 1995]. Segundo pesquisadores essa premissa é a principal causa pelos inúmeros problemas sociais que atingem a sociedade contemporânea ocidental. (FELIX, 2022, p.13)

Gramsci (2004) propôs que o educando precisa, nos sistemas educacionais, ter sua formação integral. Isso significa que, além do conhecimento acadêmico, o educando precisa ter em seu currículo educacional a inserção do trabalho. A concepção de trabalho para Gramsci é a alteração da natureza pelo homem, e ações de trabalhos manuais como o crochê se enquadram como trabalho. Gramsci revela que a escola precisa ser um ambiente livre,

onde além de aprendizados acadêmicos também deve haver momentos em que o aluno possa se expressar.

[...] Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e não constrinja a sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se por um caminho cuja meta seja prefixada. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa, não uma escola de escravidão e de orientação mecânica. Também os filhos do proletariado devem ter diante de si todas as possibilidades, todos os terrenos livres para poder realizar sua própria individualidade do melhor modo possível e, por isso, do modo mais produtivo para eles mesmos e para a coletividade. (GRAMSCI, 2004, p. 75).

Mediante isso, torna-se visível que a educação sistematizada e de áreas específicas têm importância na vida dos educandos, porém esse método de ensino prioriza esse sistema em detrimento dos ensinamentos ancestrais e culturas populares, como no caso do crochê, excluindo, também, uma parte importante da cultura dos educandos, impossibilitando que o aluno experiente possibilidades educativas diferentes e impossibilitando-o de compreender sua própria individualidade e opinião.

## **Crochê na educação formal**

É abordado, nesse tópico, o crochê como promotor do desenvolvimento de habilidades na Pedagogia Waldorf, que é citada como uma possibilidade de inserir o crochê na educação formal. As etapas da educação Waldorf também tem enfoque, visto que o crochê está intrinsecamente ligado aos primeiros anos de infância do educando, trazendo notória importância no desenvolvimento psicomotor, além, claro, de desenvolvimento estético e criativo, levando o aluno a achar sua própria individualidade e formas diferentes de se expressar.

A Pedagogia Waldorf contempla várias formas de trabalhos manuais, dentre eles estão o tricô, o crochê, trabalhos com tear, bordados em ponto

cruz, costura, macramê e diversos outros trabalhos que tem como base a arte têxtil.

Lanz (2016, p. 117) afirma que “o currículo Waldorf contém, do jardim de infância até a última série um programa de atividades artísticas e artesanais, tão intimamente adaptadas à faixa etária de cada classe quanto o é o ensino das matérias tradicionais.” A Pedagogia Waldorf busca criar um pensamento vivo na criança através do aprimoramento da movimentação dos dedos e mãos, em diferentes atividades, como trabalhos manuais, tocar flauta, jogos rítmicos de dedos, entre outras.

No primeiro ano, os alunos iniciam seus aprendizados em trabalhos manuais. O tricô é introduzido na educação dos pequenos, sendo ensinado primeiro o tricô de dedos, onde essa técnica é mais fácil para ensinar para crianças pequenas, visto que a coordenação motora delas ainda não permite que saibam manusear as agulhas. Logo após estarem mais hábeis no tricô de dedos, é iniciado o tricô com agulhas para tricô, fabricadas, geralmente, pelos próprios pais dos alunos.

No segundo ano, as crianças começam a aprender mais sobre o crochê. Inicialmente, assim como o tricô, os alunos aprendem primeiro a versão da arte só com os dedos. Assim que estiverem mais hábeis no crochê de dedos, as agulhas para crochê também são introduzidas no ensino.

Nessa etapa da vida dos educandos, já pode-se perceber a predominância de uma mão, então os alunos utilizam a mão dominante para segurar a agulha do crochê (que só se usa uma agulha, diferente do tricô que são duas agulhas). Enquanto o educando usa uma mão para a agulha, a outra serve como apoio na hora de passar em cada ponto. Como os pontos de crochê podem ser pouco espaçados, as cores das linhas de crochê são importantes para ajudar o aluno a não se perder no processo.

Nas aulas, os trabalhos manuais permitem um desenvolvimento inicial da motricidade-fina em ambas as mãos. A criança aprende a usar, a princípio, as duas mãos, conseguindo sensibilizar e enfocar posteriormente suas habilidades em apenas uma, para fazer o crochê. Tanto o tricô quanto o crochê são

atividades desenvolvidas respeitando a evolução do aluno, que é uma ação fundamental no início do aprendizado dos pequenos.

A música também possui extrema presença no dia-a-dia e nas atividades didáticas cotidianas das crianças Waldorf. Ela se mostra assistente no ensino do crochê e tricô, visto que a música tem a capacidade de transformar as atividades manuais em aprendizados mais lúdicos, sendo uma forma de obter conhecimento por meio das cantigas e brincadeiras em sala de aula.

## **O crochê na educação não-formal**

Oficinas que remontam ao mundo do crochê ganham cada vez mais espaço na arte-educação, sendo muito comuns em todas as faixas etárias.

Thiago do Vale, nascido em Tabatinga – SP, é um artista/artesão crocheteiro que tem como enfoque a arte do amigurumi, uma arte que surgiu no Japão e atualmente está presente em todo o mundo. Nessa arte, são confeccionados bonequinhos de crochê, podendo ter várias aparências, das mais diversas espécies e fantasias.

Thiago do Vale falou um pouco mais sobre suas vivências em uma entrevista redigida, que busca trazer maior aporte sobre o crochê como possibilidade de ensino não-formal e maior visibilidade para esse tipo de arte. A entrevista foi realizada no dia 30/04/2023, de forma remota.

**A.** Thiago, como iniciou sua história com o crochê? Com quem aprendeu?

**T.** Minha história como o crochê inicia-se em 2013 quando morei com uma prima que faz crochê, eu estava no mestrado e a via fazendo e tive curiosidade, ela não conseguia me ensinar e então fui ver vídeos no Youtube e fiz alguns tapetes sem nem entender ao certo o que estava fazendo e o porquê das coisas (risos). Deixei as linhas e agulhas de lado e nunca mais as peguei, até que em 2020, em casa e desempregado eu lembrei delas, peguei novamente, vi outras vídeo aulas e iniciei um tapetão, não tinha linha suficiente e fui emprestando de familiares que fazem crochê porque não queria gastar com algo que era só uma ocupação pro momento.

Quando acabei esse tapete postei no Facebook e pessoas começaram a me perguntar se eu não aceitava encomendas e eu disse “sim!”, aí dava início ao crochê como trabalho e não mais como hobby, fui fazendo mais e mais até que uma amiga de São Carlos - SP viu e disse:

“Thi, por que você não faz amigurumi?”. Confesso que eu nem sabia o que era, ela me mandou fotos e eu vi prontos e pensei que jamais daria conta de fazer aquilo (amigurumi é uma técnica do crochê para fazer coisas tridimensionais, que saem do plano, bem diferente do crochê tradicional), pois bem. Em maio de 2020 me rendi aos amigurumis e trabalhei única e exclusivamente com encomendas. É válido dizer que sou dentista de formação e deixei a odontologia para ser artesão.

A. Em quais locais ou instituições costuma ensinar a arte do crochê?

T. Já fui convidado pelo SESC de Araraquara para uma oficina de crochê online que foi um sucesso em 2021 ou 22. Fora isso, tenho meu projeto social Amigurumis do CRAS onde ministro aulas pela prefeitura 2 vezes na semana, na manhã e tarde.

Participei também em 2022 de um programa de TV (programa aprenda e faça da TV Pai Eterno), levei um projeto do que pode ser feito com o básico dos amigurumis para mais uma vez mostrar para as pessoas oportunidades. Também já ministrei aulas particulares em casa e tenho alguns projetos futuros (risos).

A. Quais os públicos que mais frequentam suas aulas e oficinas?

T. Depende muito: na oficina do SESC minhas alunas eram mais senhoras aposentadas, mas tinha também pessoas mais novas, donas de casa.

Já no meu projeto social, ano passado, na primeira turma, tive mais senhoras também, na nova turma desse ano estou com mais jovens e adolescentes de 10 à 11 anos além de alguns adultos, na turma passada tive também dois alunos do sexo masculino, nessa [desse ano] é cem por cento mulheres.

A. Você acha que o crochê aproxima as pessoas?

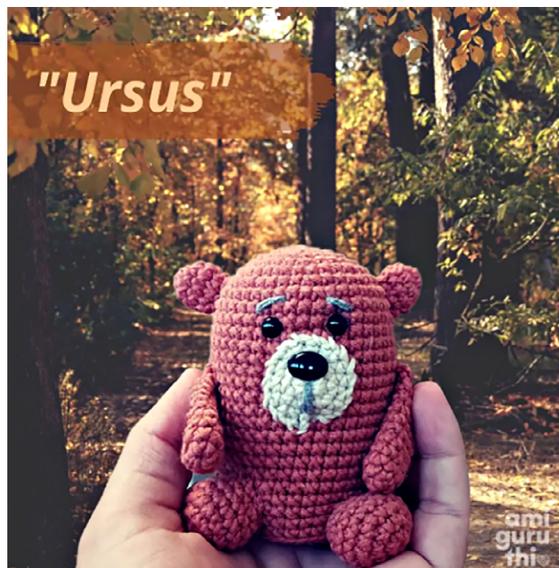
T. Sim, o crochê auxilia e muito num melhor convívio social, tenho a experiência de transformação de alunas que eram tímidas, introspectivas, que não abriam a boca para nada e nem socializavam e no final estavam interagindo, participando e mais falantes que nunca.

Além do mais, ele iguala pessoas porque, embora o projeto seja destinado a pessoas de baixa renda, qualquer cidadão pode se inscrever e já tivemos de todas as classes sociais interagindo de igual para igual. Foi e é surreal.

- A. O que sente quando trabalha com essa arte? Tem alguma história legal que gostaria de compartilhar sobre ensinar crochê?
- T. Me sinto realizado, me sinto completo e com o desejo que mais e mais pessoas pudessem ter essa experiência e oportunidade, é transformador, eu amo o que faço!

Um marco de ensinar e ter escrito esse projeto foi ano passado que fui convidado pelo SEBRAE/SP a levar e expor o projeto social na feira do empreendedor com os produtos que meus alunos tinham produzido em aula, é muito importante ter o nosso trabalho reconhecido e poder levar essa ideia para tanta gente que por lá passou.

**Figura 7** - Thiago do Vale (Amiguruthi), "Ursus". Feito em 2021.



Fonte: [www.instagram.com/p/CU8YAoAPAFt/](https://www.instagram.com/p/CU8YAoAPAFt/).

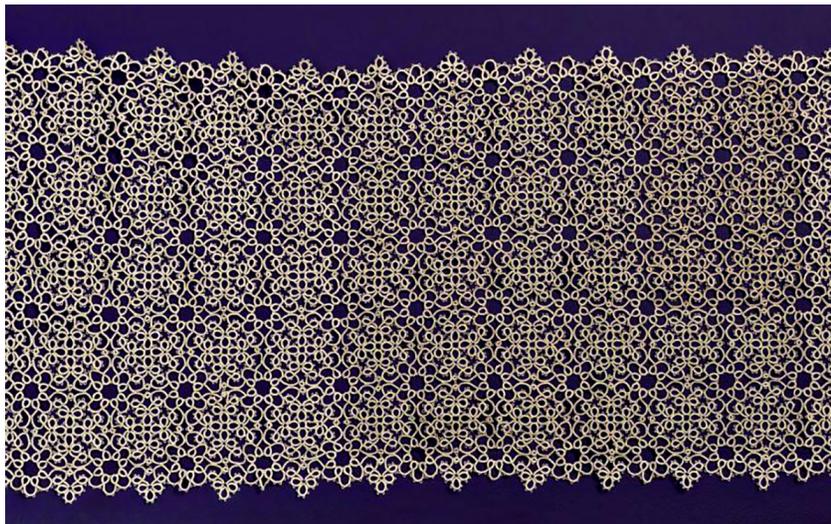
Como citado anteriormente, Thiago foi convidado pelo SESC Araraquara para ensinar a arte do crochê para diversos públicos diferentes. A oficina Entre Meadas, exposta no SESC de Bauru de 2022 a 2023, também oportunizou o contato do público com essa arte.

A arte e cultura de várias mulheres toma voz nessa exposição, contando com artes de 18 municípios diferentes do estado de São Paulo. Diferentes técnicas também se tornam presentes, como a arte em amarrido, bordados, utilização de fibras vegetais para confecção de trabalhos artesanais, nhanduti, artes indígenas e africanas, entre outros.

O que desperta curiosidade nessa exposição é uma arte chamada renda *Frivolitê*, um tipo de arte em crochê bem delicada, podendo utilizar em sua produção a agulha de crochê convencional ou um instrumento próprio para essa arte, chamado naveta, também sendo conhecida como navete. A arte em frivolitê exposta no Entre Meadas foi a renda de Eliana Bojikian Polito, que aprendeu a arte com sua mãe, quando tinha 13 anos, mostrando que a relação mãe-filha no aprendizado do crochê também ocorreu com Eliana.

A artista conta que a mãe aprendera com uma freira, e rapidamente a ensinou. Eliana também disse que passou o mesmo conhecimento para suas filhas, perpetuando essa arte pouco conhecida no Brasil.

**Figura 8 - Eliana Bojikian Polito, Frivolité. Exposta na Exposição EntreMeadas.**



Fonte: <https://www.socialbauru.com.br/2022/10/28/exposicao-gratuita-em-bauru-evidencia-a-singularidade-do-artesanato-brasileiro/>.

O Projeto Crisálida, nascido em Bauru - SP, também incentiva a presença do crochê nas exposições. O Projeto conta com a ajuda de catadores e catadoras, que recolhem peças de roupas, onde as mesmas recebem um processo de triagem, lavagem, reparos e que podem ser usados novamente. Essas peças também adotam a criatividade dos participantes do Projeto, onde algumas peças recebem customizações exclusivas. Algumas peças são utilizadas como matéria-prima para confecção de tapetes de crochê, que são feitos em formato hexagonal, chamados de Tapete Colmeia.

No Instagram do Projeto Crisálida, há um relato de como esses tapetes são produzidos: “Feito por favos, o tapete colmeia é modular, onde nossas meninas trabalham em conjunto. É o produto que nos dá mais aproveitamento do fio de malha, podemos misturar cores e usar muitas sobrinhas.” (Projeto Crisálida, 2022). Esse relato reitera o quanto o crochê é uma arte acessível e ecológica, pois as sobras de linha que seriam jogadas fora podem ser reaproveitadas para criar peças únicas de arte.

**Figura 9** - Artesãos do Projeto Crisálida confeccionando um Tapete Colmeia.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CiV1IKKOOjM/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng%3D%3D>.

A exposição também conta com um espaço próprio para experimentações artísticas, usando as mãos para conhecer e criar texturas novas e únicas.

O espaço se propõe a criar um ambiente para prática livre de trabalhos manuais e oficinas, onde as pessoas presentes podem trocar experiências entre si e aprender mais sobre as artes têxteis na prática.

## Considerações finais

Em síntese, podemos compreender que a arte do crochê possui forte valor não só afetivo, mas também um forte valor cultural. Essa arte permite que um povo perpetue seus ensinamentos e crenças, carregando história e diferentes significados, possui em si a habilidade de construir redes de afeto, construir novas histórias e novas formas de se expressar.

O intuito dessa pesquisa foi também de pesquisar a presença dessa arte nas escolas, em tempos em que não parece haver muito espaço para a criatividade unida as manualidades, como a arte do crochê, tendo em conta que o ensino é focado em resultados e metas decorrentes das exigências do atual mercado de trabalho e da estruturação da sociedade capitalista. Sendo assim, pode-se depreender que nesse formato de educação não há espaço para “perder tempo” com atividades voltadas ao estímulo criativo por meio da cultura popular. Portanto, o ensinamento de nossa cultura popular se torna resistência frente aos ensinamentos conservadores, carrega grande poder para podermos capacitar criativamente nossos alunos, fazer com que eles tenham uma personalidade própria, única, singular, além de reconhecerem sua própria história.

A arte-educação não formal também ganhou espaço na pesquisa, tendo a participação do professor e artista crocheteiro Thiago do Vale. Thiago foi convidado pelo Sesc Araraquara a dar aulas de crochê, e em sua entrevista diz que a arte atrai todos os públicos possíveis, já tendo ministrado aulas para turmas jovens, idosas, pobres e ricas. Todos interagem livremente durante as aulas, mostrando como essa arte permite que pessoas de diferentes tipos se aproximem, troquem dicas, se ajudem na execução da obra, criem laços.

A Exposição Entre Meadas reúne uma coletânea de artes femininas do estado de São Paulo. Dentro da Exposição, podemos focar no Projeto Crisálida, que, com a ajuda de catadores e catadoras, criam peças únicas em crochê, onde a venda é revertida para os próprios trabalhadores e contribuidores do projeto. Projetos como esse são importantes para reduzir o resíduo têxtil da cidade de Bauru, gerando fontes de renda para os cooperados e estimular reflexões acerca da educação ambiental, problema grave que assola todas as regiões do Brasil e do mundo.

Apesar de tudo isso, o crochê não recebe tanta atenção quanto poderia, porém com pesquisas como essa, podemos mudar o olhar das pessoas acerca da relevância histórico-cultural e educadora dessa arte, trazendo potentes formas de aumentar e libertar a criatividade nas crianças, ajudando o desenvolvimento e criando vínculos entre as pessoas.

## Referências

BALANÇO GERAL ITAJAÍ. **Conheça uma escola que disponibiliza aulas de crochê para os alunos.** Youtube, 27 de set. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQ8ZAPiAn4Y>. Acesso em: 18 mai 2023.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil.** 5. ed - São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

Exposição ENTRE MEADAS. Bauru: SESC - Serviço Social do Comércio, 2023.

FELIX, J.C.R. **CROCHÊ E EDUCAÇÃO:** Uma proposta pedagógica prática para transdisciplinaridade no IFES Campus São Mateus. Monografia, Práticas Pedagógicas, INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Linhares – ES. p. 1-52. Ano de publicação: 2022.

G1 SC. **Meninos e meninas passam o intervalo em escola pública fazendo crochê em Itajaí.** G1 Globo, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/meninos-e-meninas-passam-intervalo-em-escola-publica-fazendo-croche-em-itajai.ghtml>. Acesso em: 08 abr 2023.

LANZ, R. **A pedagogia Waldorf**: caminho para um ensino mais humano. 12 ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.

OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria, **Memória**, 2021, v. 5 n. 2, ISSN 2594-4630, pp. 69-88.

PROJETO CRISÁLIDA. **Tapete Colmeia**. Bauru - SP, 3 de outubro de 2022. Instagram: @crisalidabauru. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjREYI6ueCi/?hl=pt>. Acesso em: 25 mai 2023.

SAVIANI, D. EDUCAÇÃO ESCOLAR, CURRÍCULO E SOCIEDADE: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento Revista de Educação**. p. 54-84. 2016.

SESC Vila Mariana. **Vídeo de Eliana Bojkian sobre Frivolité**. São Paulo, 21 de novembro de 2019. Facebook: Sesc Vila Mariana. Disponível em: <https://www.facebook.com/sescvilamariana/videos/2544653762293939/>. Acesso em: 11 jun 2023.

KÜGELGEN, H. V. **A educação Waldorf**: aspectos da prática pedagógica. Tradução Alcides Grandisoli. São Paulo: Antroposófica. 1984.

WILSON, S. **O Corpo do Brasil**: The Role of the Brazilian Body in the Art of Ernesto Neto. [s.l.], 2010. Disponível em: <https://openscholarship.wustl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1507&context=etd>. Acesso em: 29 abr 2023.